

Argumentação e Linguagem

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Argumentação e Linguagem

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A694	Argumentação e linguagem [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-530-3 DOI 10.22533/at.ed.303191408 1. Língua portuguesa – Composição e exercícios. 2. Linguística. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. CDD 469.8
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ai Palavras! ... Todo o sentido da vida principia à vossa porta; o mel do amor cristaliza seu perfume em vossa rosa; sois o sonho e sois audácia, calúnia, fúria, derrota... A liberdade das almas, ai! com letras se elabora... E dos venenos humanos sois a mais fina retorta: frágil como o vidro e mais que o são poderosa! Reis, impérios, povos, tempos, pelo vosso impulso rodam... Cecília Meireles ...

Porque a verdadeira caverna, aquela que nos proíbe a relação com a realidade, aquela que nos obriga a viver no meio das sombras, é, para mim, a linguagem. Oswald Ducrot. Não há como pensar a argumentação na linguagem sem que se façam referências à retórica clássica, principalmente se o ato de argumentar for entendido como uma forma de gerenciar o discurso, de modo a se obterem resultados efetivos sobre as práticas sociais humanas. É justamente o funcionamento pragmático dos textos/discursos que nos permitem dizer, hoje, que os mesmos se nos apresentam revestidos de caráter ideológico, somente para citar um dos efeitos das ações das práticas linguísticas sobre as sociais. Nesse sentido, presume-se que a instrumentalidade do discurso argumentativo retrata-se nas formas como os argumentos são apresentados nos textos, de modo a criar um sentido de identidade entre falante/escritor e ouvinte/leitor. As atividades cognitivas da leitura e da compreensão estão inter-relacionadas, ainda que não se tenha como garantia indicativos de entendimento textual, afirmam Löbler e Flôres (2010, p. 181). Flôres e Gabriel (2012) defendem que a leitura pode ser estudada a partir de diferentes perspectivas, sejam elas: com foco no autor, no texto ou no leitor. Abraça-se, então, neste trabalho, a pesquisa sobre a leitura e foco no texto de diferentes formas.

Coscarelli (2002, p. 01) afirma que a leitura pode ser vista como um todo sem divisões, uma visão genérica e compactada que dificulta o trabalho do professor em ajudar os alunos em desenvolver o processo de leitura. Segundo a autora: A leitura pode ser dividida em duas grandes partes, uma que lida com a forma linguística e outra que se relaciona com o significado. Essas partes, por sua vez, podem ser ainda subdivididas. O processamento da forma, também tratado como decodificação, será aqui subdividido em processamento lexical e processamento sintático. Faz parte da atividade leitora apresentar sentidos para a informação ali exposta, buscando a reflexão, os questionamentos e os possíveis diálogos entre ela e o leitor. Para tal, essa prática envolve o aspecto de reconhecer o código linguístico, assim como depreender os sentidos que esse código desenvolve a partir das relações semânticas, Löbler e Flôres (2010, p. 188).

O leitor tem a função de decodificar o texto e identificar as pistas que o autor vai deixando ao longo desse texto, além de formular representações mentais sobre as informações contidas ali, Löbler e Flôres (2010, 192). Ele suscita hipóteses, realiza inferências, ativa o seu conhecimento prévio, tudo isso objetivando compreendê-lo. Löbler e Flores explicam assim o processo de compreensão: A compreensão da língua escrita é uma atividade complexa e onerosa do ponto de vista cognitivo, pois consiste em relacionar, concomitantemente, o que é lido a conhecimentos preexistentes. Para fazer tal síntese, o cérebro do leitor mobiliza os conhecimentos que já possui, relacionando-os

ao processamento em realização, ou seja, fazendo a articulação paralela entre o sabido e o desconhecido, no decorrer da própria leitura.

Nesse processo de diálogo com o texto, o leitor tenta identificar as intenções do autor por este ou aquele vocabulário, as intenções de formalidades ou informalidades, ou ainda, identificar quem está falando naquele texto. Ducrot (1990, p.15) defende que o enunciado é polifônico e que, portanto, existem algumas pessoas envolvidas em sua existência. Dentre elas, declara a existência do locutor, sujeito discursivo responsável discurso, e enunciadore, responsáveis pelos pontos de vista ao longo do discurso.

O enunciado, assim como o discurso, é único e sempre terá um autor, denominado sujeito empírico, Ducrot (1990) Os jornalistas, por exemplo, ao noticiarem ou reportarem determinada informação, fazem-na através das argumentações, que são entendidas por Ducrot como uma sequência de dois segmentos que compõem um discurso relacionados por um conector.

Argumentar é apresentar um ponto de vista. Entretanto, cabe ao leitor, durante a atividade leitora, apreender os diferentes sentidos que vão sendo desenvolvidos ao longo do discurso destes profissionais.

Acredita-se que, ao se analisar as palavras envolvidas nesses discursos jornalísticos, pode-se facilitar a compreensão dos sentidos ali inscritos. Diante disso, apresenta-se, como objetivo geral deste trabalho, a análise do papel que o léxico desempenha (palavras plenas e palavras instrumentais) na construção do sentido dos discursos desdobraram-se em múltiplas linguagens. A construção de sentidos nos diferentes e múltiplos discursos não é realizada da mesma maneira, não segue uma regra que se comportam diferentemente no momento de construção desses sentidos.

Um conjunto de considerações pragmático-discursivas constitui o cerne da história da retórica. O retorno à retórica faz sentir que muitas das preocupações atuais dos estudiosos da linguagem, no que concerne à eficácia da palavra, assentam-se em preceitos advindos dos clássicos e dos teóricos contemporâneos da argumentação.

Avulta das considerações tecidas um aspecto particular caracterizador do dinamismo da linguagem, que é o lugar ocupado pelos sujeitos que lançam mão de argumentos relativos aos seus objetivos comunicativos e objetos de discurso. Nesse sentido, defrontamo-nos com uma subjetividade enunciativa que extrapola os limites de uma consciência empírica do sujeito. Pela enunciação que o constitui, ele mobiliza um ou mais coenunciadores, fazendo-os aderir ou refutar o universo de significações ou sentidos atribuídos histórica e culturalmente aos objetos de predicação. O enunciadore é, para mim, o grande tecelão do mundo representado nos eventos comunicativos de que participa. Nesse sentido é que cabe nos estudos da argumentação, ou da construção argumentativa dos textos, aproximar teorias de textos e discursos das teorias sociológicas, assumindo, portanto, um posicionamento multidisciplinar perante a investigação dos fenômenos linguísticos.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A LITERATURA SOBRE O SEXO E A SEXUALIDADE NO BRASIL NO PERÍODO DA DITADURA MILITAR	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.3031914081	
CAPÍTULO 2	13
A FALA DE ULYSSES GUIMARÃES NA PROMULGAÇÃO DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA	
Tayson Ribeiro Teles	
DOI 10.22533/at.ed.3031914082	
CAPÍTULO 3	24
A ARGUMENTAÇÃO E A RETÓRICA NO SERMÃO DA SEXAGÉSIMA, DE PADRE ANTÔNIO VIEIRA: UMA ABORDAGEM PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO	
Gabriela Lages Veloso Letícia Rodrigues da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.3031914083	
CAPÍTULO 4	35
ARQUITETURA DA ARTE DE CONTAR: A NATUREZA SOCIOLOGICA E A COMUNICAÇÃO ESTÉTICA NO CONTO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO	
Márcia Adriana Dias Kraemer Alba Maria Perfeito	
DOI 10.22533/at.ed.3031914084	
CAPÍTULO 5	55
COMO TRABALHAR A LITERATURA SOB REGIMES AUTORITÁRIOS EM SALA DE AULA	
Cícera Tayana Francelino Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.3031914085	
CAPÍTULO 6	66
A INTENCIONALIDADE MARCADA NOS TEXTOS INSTRUACIONAIS: O QUE HÁ DE NOVO NISSO?	
Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira Sílvia Adélia Henrique Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.3031914086	
CAPÍTULO 7	85
DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS NO ENSINO DE PORTUGUÊS	
Maria Auxiliadora Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.3031914087	
CAPÍTULO 8	103
IGREJA” E “SENHOR”: A CRÍTICA À RELIGIÃO NAS LETRAS DE MÚSICA DA BANDA TITÃS À LUZ DAS REFLEXÕES BAKHTINIANAS	
Claudia de Fátima Oliveira Camila de Araújo Beraldo Ludovice	
DOI 10.22533/at.ed.3031914088	

CAPÍTULO 9	114
FICÇÃO E MEMÓRIA EM <i>SIMÁ</i> : ROMANCE HISTÓRICO DO ALTO AMAZONAS, DE LOURENÇO DA SILVA ARAÚJO	
Daniel Padilha Pacheco da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.3031914089	
CAPÍTULO 10	133
PRESENÇA E USO DOS MARCADORES DISCURSIVOS EM ESTUDANTES BRASILEIROS DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Cristina Corral Esteve	
DOI 10.22533/at.ed.30319140810	
CAPÍTULO 11	146
VARIAÇÃO FONÉTICA NO POVOADO ONÇA DO MARANHÃO: ANÁLISE DOS FENÔMENOS DE REDUÇÃO DO DITONGO “OU” EM “O” E REDUÇÃO DO DITONGO “EI” EM “E”.	
Shayra Brunna Silva Marques	
Ana Claudia Menezes Araujo	
DOI 10.22533/at.ed.30319140811	
CAPÍTULO 12	157
PLE + ELO: UMA EXPERIÊNCIA VIRTUAL NO ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA NA UFLA	
Débora Racy Soares	
DOI 10.22533/at.ed.30319140812	
CAPÍTULO 13	164
MOBILED-ASSISTED LANGUAGE LEARNING: QUESTÕES ACERCA DO USO DE SMARTPHONES EM SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA	
Luana de França Perondi Khatchadourian	
DOI 10.22533/at.ed.30319140813	
CAPÍTULO 14	175
MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE INGLÊS: UMA PROPOSTA POR MEIO DA PEDAGOGIA DE MULTILETRAMENTOS	
Patrícia Helena da Silva Costa	
DOI 10.22533/at.ed.30319140814	
CAPÍTULO 15	189
ORIGENS E FRONTEIRAS DO COSMOS: O PODER DA PALAVRA	
Márcio Moreira Costa	
DOI 10.22533/at.ed.30319140815	
CAPÍTULO 16	199
MULTILETRAMENTOS NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE: APROXIMAÇÕES ENTRE REFLEXÃO E AÇÃO	
Maria de Lourdes Rossi Remenche	
Ana Paula Pinheiro da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.30319140816	

CAPÍTULO 17	211
O MÉTODO FÔNICO E A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
Alice Santos Pimentel Nunes	
Terezinha de Jesus Dias Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.30319140817	
CAPÍTULO 18	223
NARRATIVAS COERENTES E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE EM GRUPOS VULNERÁVEIS	
Dóris Cristina Gedrat	
André Guirland Vieira	
Gehysa Guimarães Alves	
Cláudio Schubert	
DOI 10.22533/at.ed.30319140818	
CAPÍTULO 19	235
BEM-ME-QUERO, BEM-TE-QUERO: UM PROJETO DE PSICOLOGIA EDUCACIONAL SOBRE CORPOREIDADE E GESTÃO DO CUIDADO	
Roselaine Vieira Sônego	
Allan Henrique Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.30319140819	
CAPÍTULO 20	248
MASCULINIDADE NA LITERATURA: UMA HISTÓRIA HERDADA SOCIALMENTE	
Francisco Heitor Pimenta Patrício	
Cícero Hérciclis Ângelo Pereira	
Josilene Marcelino Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.30319140820	
CAPÍTULO 21	260
ENSINANDO PLE NA UFLA ATRAVÉS DO AVA - AVANÇAR	
Débora Racy Soares	
DOI 10.22533/at.ed.30319140821	
CAPÍTULO 22	267
MARCAS DOS PAISES IMPERIALISTAS NA CONSTITUIÇÃO E REORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	
Rosa Maria Silva Braga	
Lucia Torres de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.30319140822	
SOBRE A ORGANIZADORA	277
ÍNDICE REMISSIVO	278

ORIGENS E FRONTEIRAS DO COSMOS: O PODER DA PALAVRA

Márcio Moreira Costa

Líder do Grupo de Pesquisa Nômade, vinculado à CNPq, que desenvolve pesquisas na linha da Filosofia, identidade e crítica social.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia
Colorado do Oeste – Rondônia

RESUMO: A mitologia grega apresenta as Musas como filhas de *Mnemosyne* e Zeus, portanto, como filhas da Memória tais Musas personificam a palavra e todo o seu poder. É este fenômeno que presente trabalho propõe-se a investigar, valendo-se da obra *Teogonia*, de Hesíodo, aproximando-a do texto *desana* sobre a origem do mundo, escrito por Umusi Pãrõkumu e Tõrãmú Kehíri, que contêm as origens e a efetivação do poder detido pela palavra nas narrativas míticas *desana*. Como suporte teórico ocorre-se ao ensaio de Jaa Torrano, que analisa o texto da narrativa grega, e os conhecimentos do antropólogo Pedro de Niemeyer Cesarino, contidos em seu livro *Quando a Terra deixou de falar*. Estender-se-á o diálogo a autores como Ruth Finnegan e Mineke Schipper, Ernest Cassirer e Jean-Pierre Vernat. A pesquisa realizada é de cunho exclusivamente teórico, partindo da análise dos textos selecionados, e culmina na identificação da Palavra, herança divina, como causa eficiente

do mundo e pode tanto revelar como ocultar.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa. Musas. Palavra. Presentificação.

ORIGINS AND BORDERS OF COSMOS: THE POWER OF THE WORD

ABSTRACT: The Greek mythology shows the Muses as *Mnemosyne* and Zeus's daughter, therefore, as daughters of Memory these Muses personify the word and all its power. It's this phenomena the purpose of this study, to investigate, the book *Teogonia*, by Hesíodo, relating it to *desana text* about the orgin of the world and the efectivation of the power provided by words in the *desana* mythical narratives. As theorical approach it was supported by studies of Jaa Torrano, that analyses the texts of greek narrative and the anthropologist, Pedro de Niemeyer Cesarino's knowledge in his manuscript *Quando a Terra deixou de falar*. It's also going to approached dialogs involving author like Ruth Finnegan and Mineke Schipper, Ernest Cassirer and Jean-Pierre Vernat. This is a theorical reaserch, which was done analyses of the selected texts and results in the identification of the Word, divine heritage, as efficient cause of the world and can no only revel but also hide.

KEYWORDS: Narrative. Muses. Word. Presentification.

1 | INTRODUÇÃO

A tarefa que aqui se propõe é a análise das obras *Teogonia: a origem dos deuses*, do poeta grego antigo Hesíodo, e *Antes o mundo não existia: mitologia dos antigos Desana-Kenhiripõrã*, escrita, em coautoria, pelos indígenas desana Umusi Pãrõkumu e Tõrãmú Kehíri, a partir de elementos da abordagem comparatista. Naturalmente que, para obter-se os resultados esperados, também se recorre a elementos da hermenêutica e de pressupostos dos Estudos Culturais.

A pesquisa busca seus fundamentos no ensaio do renomado tradutor de grego Jaa Torrano, *O mundo como função de Musas*, que apresenta a obra *Teogonia*, publicada pela editora Iluminuras, e vale-se também dos estudos de Pedro de Niemeyer Cesarino, resumido na apresentação de seu livro intitulado *Quando a Terra deixou de falar: cantos da mitologia Marubo*. Não se pode omitir algumas incursões nos textos de Ernst Cassirer, Eliade Mircea, Jean-Pierre Vernant, a título de orientações teóricas. Finnegan, Schipper e Bicalho, este último com seu trabalho de doutoramento, contribuíram para a construção dos argumentos que serão apresentados.

É a partir da obra dos escritores desana, acima citada, colacionada com a narrativa hesiódica, *Teogonia: a origem dos deuses*, que este trabalho se propõe demonstrar possíveis evidências do poder da palavra em presentificar, dar existência, àquilo que evoca – seja pela forma oral, nas tradições antigas, seja pela forma escrita ou impressa atuais. Recorrendo, para tanto, a elementos da abordagem comparatista, propõem-se à realização da apreciação de traços estéticos, nas obras escolhidas, a partir da imagem construída do processo criador do mundo/cosmos, em cada uma das narrativas, chegando a uma análise teórica e diferencial de elementos literários.

2 | O PODER PRESENTIFICADOR DA PALAVRA NA LITERATURA ORAL

“No princípio era o Verbo [...]. Tudo foi feito por meio dele [...]” (JOÃO, 1: 1-3). O Texto Sagrado dos cristãos atribui à palavra (Verbo) esse poder criador. É mediante o *Faça-se...* – expressão que aparece no livro do Gênesis, como fórmula para a criação, usada pelo Deus judaico-cristão – (a Palavra) que incide a existência do mundo. Todo o Universo materializa-se e recebe seus contornos específicos pela mediação e poder da Palavra.

A narrativa cristã possui correspondência na tradição mítica da Grécia Arcaica. Em sua obra *Introdução à história da Filosofia*, no primeiro volume, a escritora e filósofa, Marilena Chauí, fala do costume dos poetas em invocar as musas para guiá-los, pois que, dessa forma, “Ao falar, fazem que aconteça aquilo que dizem. Sua palavra [...] é uma ‘palavra eficaz’” (2002, p. 40). E é eficaz por dar causa ao existente, às coisas; torna real o que é cantado porque ele, o *aedo*, diz a verdade. Uma linguagem prenhe para dar à luz ao Universo material, como escreve Jaa Torrano (2014, p. 14): “[...] veículo de uma concepção do mundo e suporte de uma experiência numinosa”. Não é,

portanto, apenas um criar, fazer nascer, mas também condicionar-lhe uma forma, uma estrutura, uma identidade... por assim dizer, um destino. Torrano chega ainda a afirmar que a palavra (Musas) tem “[...] o poder de presentificar o que sem elas é ausente” (2014, p. 21).

Além das tradições citadas, as narrativas indígenas sobre as origens também apresentam similitudes com aquelas. Na narrativa desana, por exemplo, esse poder de presentificação está no “pensar” de Yebá Buró, a *Avó da Terra*, segundo os autores indígenas Umusi Pārōkumu e Tōrāmú Kehíri – em português têm-se: Firmiano Arantes Lana e Luiz Gomes Lana, respectivamente –, pois, “Enquanto ela estava pensando no seu Quarto de Quartzo Branco, começou a se levantar algo, como se fosse um balão [...]. O balão era o mundo” (1995, p. 20). O seu pensamento, ação de ser não criado, causa de si mesmo – “Sobre estas coisas misteriosas é que ela se transformou por si mesma” (KEHÍRI; PĀRŌKUMU 1995, p. 19) –, vai, aos poucos, dando materialidade ao que existe. Falar e pensar, dentro da tradição oral, aflui, rigorosamente, ao um mesmo ponto fundamental: o fazer memória. Pois a ação, seja da palavra ou do pensamento, recebe eco no pensar e no falar, do poeta ou do xamã, que mantêm vivo (na memória) esse ato criador.

Uma afirmação, no entanto, de que toda essa tradição oral constitui-se literatura parece soar absurda. Mas não se pode ignorar todo um esforço intelectual que vem sendo feito no sentido de revelar a riqueza dessas narrativas míticas (indígenas). E para tal tradição – de expressão oral – não seria justo, para a pesquisadora Ruth Finnegan (2006, p. 64), reservar como legado a condição de indicadora de primitivismo ou carência de cultura. Ainda sobre o entendimento da antropóloga britânica, Mineke Schipper escreve que Finnegan, “[...] afirmou, com razão, que, em pesquisas sobre literatura oral, os pesquisadores têm errado em não formular questões que eles próprios colocam para a literatura escrita” (SCHIPPER, 2006, p. 10). Isso porque, para a autora de *O significado da literatura em culturas orais*, apesar das diferenças existentes, é possível falar em literatura oral em função das semelhanças com o que formalmente se chama de literatura (escrita).

Certamente que existe polêmica em torno dessa questão, mesmo quando se assume definições de Literatura com maior abertura como a dada por Antoine Compagnon, que considera que “[...] literatura é tudo o que é impresso (ou manuscrito), são todos os livros que a biblioteca contém (incluindo-se aí o que se chama literatura oral [...])” (2012, p. 31) e mesmo a que se pode extrair da *Aula* de Barthes. O linguista francês define como literatura “[...] não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever” (2013, p. 17). E assim o faz por conceber o texto como um afloramento da língua e a isto se pode entender como a dimensão que ultrapassa os limites da escrita. E ao indicar *Mathesis*, *Mimesis* e *Semiosis* como forças literárias, Barthes (2013, p. 18-44), não parece tender a isso, mas permite uma leitura de abertura à tradição oral, pois esta, também produz saberes diversos, além de seu

potencial representativo e de significação. Para Finnegan, na esteira de Aristóteles, a literatura “[...] é uma representação da realidade e expressa o que é em sua totalidade” (2006, p. 71). Desse modo, a oralidade também tem esse poder representativo e elaboração intelectual sofisticada; toma como exemplo, a autora, os épicos de Homero, reverenciados como rica fonte de conhecimento sobre a humanidade e que surgiu dentro da tradição oral. O antropólogo social, Pedro de Niemeyer Cesarino, ilumina um pouco mais a discussão ao constatar que as traduções tradicionalmente feitas, das narrativas orais (indígenas), mantinham uma literalidade e linearidade tal que as reduzia à prosa sequencial impossibilitando que se pudesse identificar, nessas traduções, “[...] aspectos tais como o paralelismo, o uso de metáforas e léxicos rituais, as enunciações polifônicas [...]” (CESARINO, 2013, p. 12), entre outras propriedades presentes nas expressões orais. Não obstante, para o estudioso, atualmente as pesquisas se sofisticaram tornando-se mais sensíveis a isso e, portanto, têm-se mais em evidência, na cultura oral indígena, traços percebidos no que, formalmente, se denomina literatura.

Por outro lado, o modelo literário ocidental-europeu não pode ser absoluto. Desse modo, são inteiramente possíveis manifestações epistemológicas e artísticas sem, obrigatoriamente, ser necessário a recorrência à escrita, conclui Finnegan (2006, p. 101). Além do que, trabalhos como os citados por Cesarino – inclusive o seu próprio – como também as obras constituintes da coleção *Narradores Indígenas do Rio Negro*, entre elas *Antes o mundo não existia*, de Umusi Pārōkumu e Tōrāmú Kehíri, já inserem essa literatura oral dentro da cultura ocidental do impresso.

3 | NARRATIVAS DOS PRIMÓRDIOS: TEOGONIA E COSMOGONIAS

As narrativas da Antiguidade grega gozam de grande recepção no meio literário. Talvez isso se deva ao fato que, desde o primeiro contato, o Ocidente Moderno já tenha encontrado tais expressões na forma escrita. Não ocorre o mesmo com a tradição oral do ameríndio. As tentativas primeiras, de transferir para a linguagem escrita essas narrativas, subtraíram-lhe os elementos estéticos e até formais que lhe aproximariam do que se tem como literatura formalizada. O antropólogo Cesarino, faz essa constatação ao afirmar que recentemente, alguns trabalhos, como o de “[...] Dennis Tedlock (1983) aproximou as narrativas da ação da poesia dramática e rompeu com a linearidade da prosa que dominava os trabalhos de tradução. [...] e ao menosprezo das qualidades rítmicas e discursivas das expressões orais” (2013, p. 12).

Não obstante, as narrativas da origem do universo, grega – *Teogonia: a origem dos deuses* – e desana – *Antes o mundo não existia: mitologia dos antigos Desana-Kehíripōrã* – compõe já o universo do impresso. Fato este que, a partir daqui, ao ser usado o termo narrativas, seja para a grega ou a desana, a intenção clara é referir-se às obras escritas e impressas citadas previamente.

São duas narrativas míticas que fazem memória das origens do cosmos e

delimitam, em certa medida, suas fronteiras. E, para usar uma definição apresentada por Ernst Cassirer, em sua obra *Linguagem e mito*, tomada do filólogo Max Müller, o mito é

[...] na verdade, o resultado de uma deficiência linguística originária, de uma debilidade inerente à linguagem. Toda designação linguística é essencialmente ambígua e, nesta ambiguidade, nesta “paronímia” das palavras, está a fonte primeva de todos os mitos (CASSIRER, 2013, p. 18).

Esse algo apresentado pela linguagem de Cassirer é o relato sagrado de que fala Mircea Eliade, sobre o princípio de tudo: “[...] uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo [...]” (1972, p. 9), pela ação (palavra/pensamento) de “Entes Sobrenaturais”. E nessa relação com a linguagem, o espaço literário é ambiente propício ao mito que, dando vigor vital à imagem do sobrenatural, do numinoso, forja os contornos do mundo.

Nesse sentido é que Charles Bicalho, em sua tese intitulada *Koxuk, a imagem do yãmîy na poética maxakali*, na esteira de César Guimarães, considera a imagem literária como a evidenciação de aspectos sensíveis do objeto abordado a partir duma dinâmica enunciativa na qual os signos linguísticos são articulados e ordenados. E conclui o pesquisador que “Esta capacidade que a palavra tem de assemelhar-se ao objeto representado é uma ‘propriedade do signo icônico’” (BICALHO 2010, p. 163). Por conseguinte, a narrativa possibilita a completude da imagem na literatura, em função de seu caráter icônico, pondera também Bicalho.

As narrativas hesiódica e desana constituem-se imagens da criação do cosmos. Muito embora a visão grega de mundo possa dissentir da Desana não se trata aqui dessa questão. Interessa a esta análise a causa eficiente do cosmos, perpetuada na imagem literária da narrativa mítica. E aqui imagem e memória se relacionam. Memória que é presença, mediante “A irrupção da voz [...]” (TORRANO 2014, p. 23), mística que ressoa na oralidade poética ou xamanística. Bicalho, retomando a referência a César Guimarães, vai dizer que “[...] a narrativa dispõe ela mesma de recursos capazes de construir essa textura de imagens de que a memória é formada” (2010, p. 164).

Os mitos gregos são resultados de um movimento cultural que remonta aos séculos XIV-XII a.C., na Grécia, anterior ao seu período clássico. A Hélade, marcadas por invasões e migrações ao longo de grande porção do litoral do Mar Egeu, estrutura sua religiosidade com o objetivo de forjar uma identidade individual e coletiva (VERNANT, 2006, p. 38-42). Tal realidade deixa marcas profundas e “em poesia o homem grego canta o declínio das arcaicas formas de viver ou pensar [...]” (PESSANHA 1996, p. 8).

Hesíodo nasce em Ascra, Beócia, por volta do século VIII a.C. e vive toda a sua vida aí. Quando da morte do pai e a partilha da herança entra em alteração com o irmão Perses e sente-se lesado na disputa judicial. Sua poesia, segundo o pesquisador Wagner Jaeger retrata esse drama, complementando que ao bardo foi “[...] concedido pelas musas desvendar os valores próprios da vida do campo” (1994,

p. 86). Somente através de tal concessão é que o homem comum era capaz de ir e enxergar para além de seus limites geográficos, físicos e também temporais. Esse é “[...] um poder que só lhe é conferido pela Memória (*Mnemosyne*) através das palavras cantadas (Musas)” (TORRANO, 2014, p. 16).

Na tradição indígena, analogamente, esse poder é recebido como dádiva sagrada e não como conquista bélica. Cesarino constatou, com sua experiência entre o povo Marubo, que os demais indígenas sentiam-se inaptos a falar sobre determinados assuntos; “Deixavam, assim, o tratamento de temas relacionados às narrativas míticas e à cosmologia ao encargo dos xamãs [...]” (2013, p. 438). O que parece ser aplicável à tradição desana, como se pode extrair do processo de escrita de seus mitos.

O povo Desana ocupa o noroeste amazônico brasileiro, margeando o Rio Uaupés, indo além dos limites fronteiriços com a Colômbia. Com uma população de pouco mais de duas mil pessoas (2015) os Umukomahsã, que significa Gente do Universo, tem intensa presença no município de São João Batista (AM), etnia a qual pertencem os autores da narrativa mítica desana sobre a criação do mundo.

Tõrãmu Kehíri (Luiz Gomes Lana), responsável por transpor para a forma escrita, as narrativas orais míticas de seu povo, foi educado numa escola sob os cuidados de religiosos salesianos, onde aprendeu a ler e a escrever na língua portuguesa; um primeiro contato com a cultura e religiosidade não índia. Recebeu as narrativas da voz digna de seu pai, Umusi Pãrõkumu (Firmiano Arantes Lana); digna por ser a voz de alguém que possui o poder de narrar tais acontecimentos, segundo a tradição mítica. Fora “[...] filho de tuxáua, *baya* (isto é, mestre de cerimônia), *kumu* e tuxáua ele mesmo, nunca quis aprender o português e fez questão que seus sete filhos falassem a língua desana” (PÃRÕKUMU; KEHÍRI, 1995, p. 13).

Transcrita primeiramente para a língua desana, a narrativa da origem do mundo revela seu grande personagem mítico: *Yebá Buró*. Na narrativa grega, quatro personagens distintas estão presentes na constituição do cosmos, a saber: *Kháos*, Terra, Tártaro e Eros.

Multiplicidade e univocidade não se opõem aqui, mas afluem e transfundem numa dialética criadora. Da unicidade primitiva de *Kháos* surgem Terra, Tártaro e Eros para enfim, gerar e administrar a constituição do cosmos.

“Sim bem primeiro nasceu Caos, depois também”

“Terra de amplo seio, de todos sede irresvalável sempre,”

“dos imortais que têm a cabeça do Olimpo nevado,”

“e Tártaro nevoento no fundo do chão de amplas vias,”

“e Eros: o mais belo entre deuses imortais,”

[...] (HESÍODO, 2014, p. 109).

Os versos acima (116-120) indicam esse movimento da unicidade à multiplicidade como uma dinâmica cósmica de geração para retomar à unicidade novamente em Zeus. E mesmo nessa multiplicidade, Jaa Torrano percebe uma unidade e vai titulá-la “quádrupla e agônica” para em seguida anunciar a tensão simétrica que existe no núcleo dessa unidade, ponderando que “Dada a diversidade de natureza entre as duas forças de procriação, há uma prioridade de *Kháos* sobre Eros, e Hesíodo marca-a clara e reiteradamente” (TORRANO, 2014, p. 45).

Para entender essa prioridade tem-se, além da temporalidade, expressa pelo advérbio depois (no original em grego: *épeita*), também o espaço de dominância de *Kháos* que transpõe o espaço de Eros. Por outro lado Terra e Tártaro são contíguos, desse modo, **são** ao mesmo tempo, explica Torrano (2014, p. 45-46).

No início do mito desana “Origem do mundo e da humanidade / Primeira parte: Origem do mundo” esse processo se inverte: tem-se inicialmente uma multiplicidade que convergirá para a unidade. A narrativa é discretíssima ao construir tal imagem. *Yebá Buró*, a divindade “Não Criada”, forja seu próprio ser a partir de seis elementos misteriosos. O adjetivo “misterioso”, que caracteriza tais elementos indica a qualidade extranatural destes: “Todas essas coisas eram especiais, não eram feitas como as de hoje [...]” (PÃRÕKUMU; KEHÍRI, 1995, p. 20); são coisas com aparência comum, mas com uma essência transcendente.

Haviam coisas misteriosas para ela criar-se por si mesma. Haviam seis coisas misteriosas: um banco de quartzo branco, uma forquilha para segurar o cigarro, uma, cuia de ipadu o suporte desta cuia de ipadu, uma cuia de farinha de tapioca e o suporte desta cuia. Sobre estas coisas misteriosas é que ela se transformou por si mesma. Por isso, ela se chama a “Não Criada” (PÃRÕKUMU; KEHÍRI, 1995, p. 19).

Inicialmente a composição desse trecho da narrativa parece indicar uma contradição lógica pela presença da expressão “criar-se por si mesma”. Algo que pode criar, mesmo que a si mesmo, já tem pressuposta uma existência. Uma hermenêutica rigorosa possibilitaria dar explicações sólidas acerca desse fato, entretanto, os contornos do presente trabalho não permite tal esforço – a ausência de uma crítica hermenêutica acerca dos textos desana também limita essa pesquisa. Não obstante, parte-se da compreensão de que *Yebá Buró*, a “Avó da Terra”, não se torna algo a partir dos elementos citados. O que se pode depreender da passagem é de um momento cerimonial. As peças ritualísticas combinadas – como a uma evocação – presentificam a divindade criadora; é o seu revelar-se como causa eficiente do mundo.

E nesse jogo de multiplicidade e unicidade, inversamente à narrativa grega, no mito ameríndio está presente a dialética criadora como um movimento de oposição: uno e múltiplo. Um e vários. Caos e ordem. Ser e Não-ser. E como a unidade hesiódica transporta em si uma multiplicidade e esta, sua porção de unidade, também o mito do povo Desana apresenta esse movimento dialético. Dos seis elementos para

uma divindade una e desta aos seis trovões (os Avôs do Mundo) (PĀRŌKUMU; KEHÍRI, 1995, p. 19-21). São tradições míticas distintas, mas que nas diferenças se assemelham.

4 | A DIGNA MEDIAÇÃO: MUSAS E KUMU

E nesse contexto de semelhança e dessemelhança, aprofundando a análise, descobre-se uma semelhança pujante que é, contiguamente e na mesma intensidade, uma dessemelhança. A ação hermenêutica possibilita a extração dessa semelhança, não obstante, do ponto de vista estético-formal resta evidente a dessemelhança. E esta, no sentido mesmo de heterogeneidade. Trata-se da relação entre dois elementos, um de cada uma das narrativas. Da *Teogonia*, toma-se as Musas, filhas de *Mnemosyne* (Memória) e Zeus, e de *Antes o mundo não existia*, tem-se o grande *kumu* e tuxáua, Umusi Pārōkumu. De um lado um personagem da narrativa grega, com um poder de tornar aquilo que é narrado, através da palavra, real, isto é,

O mundo, os seres, os Deuses (tudo são Deuses) e a vida aos homens surgem no canto das Musas no Olimpo, canto divino que coincide com o próprio canto do pastor Hesíodo, a mostrar como surgiu e a fazer surgir o mundo, os seres, os Deuses e a vida aos homens (TORRANO, 2014, p. 20).

O poder ontofânico, identificado por Jaa Torrano, é o poder de dar presença, inerente às Musas (à Palavra). E onde não são chamadas – as Musas – nada pode ser, pois elas são a causa do que é e sua ausência provoca o escondimento, a não revelação das coisas (2014, p. 24-25). As Musas não eram a guardiã do conhecimento, mas como filhas da Memória o que queriam revelavam e o que não queriam, mantinham em ocultação. Administravam assim o conhecimento transmitido aos homens. Esse é o seu poder, expresso nos versos 27 e 28 da primeira parte do Poema: “sabemos muitas mentiras dizer símeis aos fatos”/“e sabemos, se queremos, dar a ouvir revelações” (HESÍODO, 2014, p. 103).

Na narrativa desana, a mediação entre a Memória (tradição antiga) e os homens é feita por alguém digno. O conhecimento sobre os fatos ocorridos nos primórdios do mundo é ministrado pelo guardião desse saber registrado na memória. Umusi Pārōkumu, co-autor, junto com seu filho, da obra *Antes o mundo não existia*, tem essa dignidade, pela sua condição de *kumu* e configura-se um guardião da memória ancestral por ser um dos últimos que traz consigo essa relação com a memória de eras primevas: “[...] meu pai, que é *kumu*, é dos poucos que ainda se lembram [...]” (PĀRŌKUMU; KEHÍRI, 1995, p. 14), conforme admite Kehíri¹. Na cultura Desana, “Os *kumua* exercem funções destacadas na estrutura social desana” (1995, p. 13). São revestidos de sacralidade e alguns dons que lhes permite o contato com o mundo além das fronteiras da realidade física. “Tal como os xamãs, têm profundo conhecimento da

1 O texto que contém tal afirmação é resultado da pesquisa da antropóloga Berta Ribeiro com os Desana. Em 1980 o texto, intitulado “Os índios das águas negras” introduziu a publicação da obra *Antes o mundo não existia*. Para a edição de 1995 foram compilados trechos para compor a apresentação da obra.

mitologia, dos ritos e costumes tribais” (1995, p. 13).

Detentor da palavra, o *kumu* desana, também é capaz de simular verdades e, quando a ele for conveniente, fazer revelações grandiosas: “Mas meu pai não queria dizer nada, nem para o padre Casemiro, que tentou várias vezes perguntar, mas ele dizia só umas besteiras assim por alto. Só a mim é que ele ditou essas casas transformadoras” (PÃRÕKUMU; KEHÍRI, 1995, p. 11). Herdeiro de um poder capaz de fazer as coisas se tornarem reais – a Palavra – pode ocultar e revelar. Tudo se realiza mediante sua palavra como mediador de uma memória (conhecimento) antiga.

As Musas são a própria Palavra porquanto filhas de *Mnemosyne*. Pãrõkumu não é, exatamente, a palavra, mas dignamente a representa e assim, detêm poder tal quais as filhas de Zeus. Enquanto o cosmos grego surge mediante o cantar das Musas, o mundo mítico desano recebe seus contornos mediante o narrar daquele que é digno de fazê-lo, o mediador que conhece e transita pelo espaço sagrado: o *kumu*. Um dos poucos que ainda restaram de uma cultura fértil.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A palavra – escrita ou falada – pode presentificar o objeto do seu discurso numa narrativa. Todas as coisas passam a existir mediante sua ação e são ocultas se assim lhes for negada a evocação. A palavra, portanto, no espaço mítico, da causa de toda a existência, inclusive das divindades maiores; como se ela própria – a Palavra – fosse a deusa maior. Ela, no entanto, descende da linhagem mais nobre dos deuses: como Musa, como Verbo, como pensamento criador.

A abordagem feita ao longo desta pesquisa ordenou a escrita para algumas direções e não para outra em função dos contornos próprios do trabalho desenvolvido. Sabe-se que outras questões, também pertinentes, poderiam e seria interessante que fossem aprofundadas. Mas a palavra realiza seu poder ontofônico num processo dialético de ocultação e de trazer à luz. E ao seu arauto cumpre apenas possibilitar sua execução. Seria a isso que Foucault chamaria de “poder do discurso”?

Não convém, ao momento, tal debate. Não obstante, os elementos de tal poder é metamorfo chega a todos os tempos fazendo-se necessárias novas alternativas dialéticas e instrumentais teóricos para a sua abordagem.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 14ª ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

BICALHO, Charles Antônio de Paula. **Koxuk, a imagem do yãmîy na poética maxakali**. 2010. 229 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2010.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. Tradução de J. Guinsburg e Míriam Schnaider-man. 4ª ed. 4ª reimp. São Paulo: Perspectiva, 2013

CESARINO, Pedro de Niemeyer. **Cartografias do cosmos: conhecimento, iconografia e artes verbais entre os marubo**. MANA 19(3): 437-471, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v19n3/a02v19n3.pdf>. Acesso em: 02.09.2015.

_____. **Quando a Terra deixou de falar: cantos da mitologia Marubo**. São Paulo: Editora 34, 2013.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: Literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fontes Santiago. 2ª ed. 1ª reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da Filosofia**. Vol 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DESANA. **Etnias do rio Uaupés**. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/desana>. Acesso em: 10.08.2015.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Tradução Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FINNEGAN, Ruth. O significado da literatura em culturas orais. _____. In: QUEIROZ, S. (Org.). **A tradição oral**. Belo Horizonte: FALE/UFMG. 2006. p. 64-104.

HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses**. 2ª ed. 6ª reimp. Estudo e tradução: Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2014.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia: a formação do homem grego**. Tradução Artur M. Parreira. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fonte, 1994.

JOÃO. Bíblia. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução de Euclides Martins Balancin & Cia. São Paulo: Paulus, 2002. p. 1842. Edição revista e ampliada.

PÄRÖKUMU, Umusi; KEHÍRI, Tõrãmu. **Antes o mundo não existia: mitologia dos antigos Desana-Kehiripõã**. 2ª ed. São João Batista do Rio Tiquié/São Gabriel da Cachoeira: UNIRT/FOIRN, 1995.

PESSANHA, José Américo Motta Do mito à filosofia. p. 5-42. _____. In: PENSADORES. **Os pré-socráticos: vida e obra**. Tradução José Cavalcante de Souza & Cia. São Paulo: Nova Cultura, 1996. (Coleção Os Pensadores).

SCHIPPER, Mineke. Literatura oral e literatura escrita. _____. In: QUEIROZ, S. (Org.). **A tradição oral**. Belo Horizonte: FALE/UFMG. 2006. p. 10-24.

TORRANO, Jaa. O mundo como função de Musas. _____. In: HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses**. 2ª ed. 6ª reimp. Estudo e tradução: Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2014. p. 13-97.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia antiga**. Tradução Joana Angélica D'Avila Melo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise linguística 85, 100, 102

Argumentação 2, 24, 33, 34, 135, 136

Atos de Fala 66, 68, 76

C

Contemporâneo 42, 53

D

Ditadura Militar 1, 5, 7, 10, 11, 55, 56, 57, 59, 63, 65, 104

E

Educação Brasileira 2, 268, 276

Escrita 85, 156

G

Gênero 35, 205, 248

L

Leitura 5, 30, 66, 84, 85, 100, 101, 263

Leitura na escola 66

Letramento literário 24, 33, 34

Linguagem 2, 13, 33, 36, 50, 53, 101, 102, 146, 157, 193, 198, 260

Literatura 1, 3, 4, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 33, 34, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 62, 64, 65, 84, 114, 130, 131, 174, 191, 198, 204, 210, 248, 259

M

Masculinidade 248

O

Oralidade 85

P

Pedagogia de Multiletramentos 8, 175, 176, 180, 181, 182

R

Retórica 24, 31, 33, 269

Romance épico 114

Romance histórico 114

S

Sociedade 13, 33, 53, 187, 211, 247, 248, 259

T

Textos instrucionais 66

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-530-3

